
**Novos e Velhos Problemas da
Contratação Colectiva em Portugal
no Contexto da Integração
Europeia.**
Lisboa, 3 de Novembro de 1995

A Fundação Friedrich Ebert organizou em Lisboa, durante todo o dia 3 de Novembro, uma Conferência Internacional sobre Contratação Colectiva. Tratou-se, desde a primeira hora, de uma iniciativa que, no quadro da progressiva integração europeia, pôs em confronto as posições de sindicalistas nacionais (da CGTP e da UGT) com as de outros especialistas internacionais (do Reino Unido, Itália, Alemanha e Grécia) a respeito das transformações por que vem passando a contratação colectiva em diferentes contextos nacionais.

A conferência foi organizada em três partes. A primeira parte, realizada durante a manhã, constou de uma saudação inicial aos participantes feita por Alexander Kallweit (representante da Fundação Friedrich Ebert) assim como de uma comunicação seguida de dois comentários moderados por Maria da Paz Campos Lima (DINAMIA). A comunicação, apresentada por Pete Burgess (Incomes Data Services, Londres), versou sobre as «Tendências Actuais da Contratação Colectiva na Europa». Embora melhor conhecedor da realidade do Reino Unido, o orador não deixou de lembrar que a contratação colectiva europeia tem conhecido, nos últimos anos, uma recessão acentuada, testemunhada pelas pressões a que tem sido sujeita: a flexibilização das condições de trabalho e a descentralização da contratação (estas duas questões surgem

frequentemente associadas); a flexibilidade do horário de trabalho; ou o desemprego. Isso mesmo foi de algum modo reforçado pelos comentários de António Dornelas (UGT) e de Fernando Marques (CGTP) sobre a situação portuguesa. Assim, se o primeiro chamou a atenção para o fraco poder regulador da negociação colectiva em Portugal, o segundo mencionou o bloqueamento de que a negociação colectiva é alvo muito por influência directa do patronato.

A segunda parte da conferência decorreu ao início da tarde. Procedeu-se então à organização de três grupos de trabalho, cada qual presenteado com uma comunicação seguida de debate. O Grupo de Trabalho I — Indústria Transformadora — teve como oradora Sybille Stamm (IG Medien, Estugarda) e foi moderado por Reinhard Naumann (CIES/ISCTE); o Grupo de Trabalho II — Serviços Privados — contou com a comunicação de Patricio di Nicola (IRES, Roma) e foi moderado por Alan Stoleroff (CIES/ISCTE); e o Grupo de Trabalho III — Serviços Públicos — foi dinamizado por Bernd Keller (Universidade de Konstanz) e teve como moderador Paulo Alves (DINAMIA). Cada grupo de trabalho suscitou a intervenção dos participantes que, estando agora reunidos em ambientes mais informais, puderam dar a conhecer as suas experiências pessoais e fazer saber as suas perplexidades.

Finalmente, a terceira parte da conferência foi marcada por uma sessão final de comentários dos participantes internacionais sobre a situação na contratação colectiva em Portugal em comparação com outros países europeus, assim como por um debate final entre participantes nacionais e internacionais. Digamos que esta discussão final

reforçou algumas das ideias já apontadas num texto prévio que a organização da conferência colocara à disposição dos participantes com o intuito de antecipar as reflexões. Entre outros aspectos, deu-se conta de que as condições da contratação colectiva em Portugal se desenvolvem num contexto específico que é significativamente diferente daquele que vigora na maioria dos outros países da União Europeia, ou seja, que é marcado por um menor desenvolvimento económico e social, por uma menor qualidade das condições de trabalho, por uma fragilidade das relações entre capital e trabalho e por uma conflitualidade entre os próprios sindicatos. Independentemente disso, e a avaliar pela activa participação de especialistas (e não especialistas) da contratação colectiva, pareceu ser do agrado de todos que outras iniciativas como esta possam ter lugar com mais frequência. ■

Hermes Augusto Costa

Sexismo e Feminismo em Portugal.

Curia, 27-28 de Outubro de 1995

Realizou-se na Curia, a 27 e 28 de Outubro, o Colóquio *Sexismo e Feminismo em Portugal*, promovido pela APEM — Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres.

A quantidade e diversidade das intervenções — Conferências e Comunicações — permitiu percorrer algumas linhas de força do debate actual sobre o Sexismo e o Feminismo em Portugal e também na Europa e no Mundo.

Logo a começar os trabalhos, a conferência de Danièle Kergoat («A centralidade do

trabalho: um valor para as mulheres, um combate essencial do feminismo em França») definiu uma dessas grandes linhas, a saber, as relações sociais de sexo enquanto vector fundamental da organização social e política. Partindo da análise do conceito de «relação social» e do que ele supõe em termos de organização do poder político, Danièle Kergoat fez uma leitura da actual participação da mulher no mercado de trabalho, em França, alertando para alguns indícios que podem pôr em perigo as conquistas alcançadas nesse domínio. Contra uma política que subrepticamente tenderia a afastar as mulheres do trabalho assalariado (incentivos ao trabalho a tempo parcial, ao trabalho temporário com a contrapartida de um «salaire parental», ou ainda incentivos à criação de empresas), Danièle Kergoat lança o desafio do «valor social do trabalho para as mulheres como um valor subversivo».

As comunicações de Gina Santos («As mulheres e o ensino da informática»), de Maria Laura Pereira da Fonseca Fernandes («O sexismo na educação/formação das raparigas de classes trabalhadoras urbanas»), de Maria Lucília Marques Escobar Araújo («O sexismo e as escolas profissionais») e de Maria Teresa R. Fernandes («Efeitos do género e formação na representação da prática da enfermagem»), para além de denunciarem os efeitos dos estereótipos na construção da identidade profissional, vêm de certo modo corroborar a ideia do trabalho feminino como subversão da ordem estabelecida, justificando-se, por isso, as diversas resistências colocadas à entrada das mulheres em áreas profissionais tradicionalmente consideradas masculinas.

Uma outra linha de reflexão coloca o problema dos processos de construção de uma identidade feminina. A conferência de Teresa Pizarro Beleza («Desigualdade e